

DIZIBILIDADES LITERÁRIAS: A DRAMATICIDADE DA EXISTÊNCIA NOS ESPAÇOS CONTEMPORÂNEOS

Literary Sayings: The Drama of Existence in Contemporary Spaces

Eguimar Felício Chaveiro¹

RESUMO

A interlocução entre Geografia e Arte abre um continente de possibilidades para a efetivação de pesquisas. Especificamente, a aproximação entre Geografia e Literatura pode contribuir para que os geógrafos pensem a geografia como dizer – e interroguem o dizer da geografia. Ao defender uma dizibilidade que aglutina o mundo do conceito ao mundo da experiência, além de tentar superar os esquemas abstratos e burocráticos da escrita geográfica feita atualmente, pode-se constituir modos de compreender a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. E, assim, valer-se: as narrações produzem mundos. E isso é uma das maiores contribuições da literatura, uma vez que este campo de dizer tem na palavra a sua essencialidade. Ao colocar o dizer como um desafio geográfico e fazê-lo aproximar da experiência, espera-se criar mecanismos de o sujeito organizar o pensamento, despertar realidades adormecidas de seu íntimo, compreender que na empresa acadêmica há o legado imaginativo e na empresa ficcional há o legado sistemático da linguagem.

Palavras-chave: Geografia e Arte. Dizibilidades literárias. Escrita geográfica. Dramaticidade dos espaços. Experiência.

ABSTRACT

The dialogues between Geography and art opens a continent of possibilities for the realization of research. Specifically, the approach between geography and literature can contribute to that geographers think geography as saying - and question the mean of geography. To defend the thinks that we must to say that brings together the two world's concept and experience, beyond to try to overcome the abstract and bureaucratic schemes of geographical writing done today, can provide ways to understand the drama of existence in contemporary spaces. And thus avail itself: the narrations produce in the world. And this is one of the greatest contributions of literature, once that this field has in the word their essentiality. By placing the saying as a geographical challenge and make it closer to the experience, is expected to create mechanisms that the subject organize his thought, awakening dormant realities of his inner, understand that in the academic company there are imaginative legacy and in the fictional company there are the systematic legacy of language.

Keywords: Geography and Art. Literary sayings. Geographic written. Dramatic spaces. Experience.

¹ Professor Associado III no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. eguimar@hotmail.com.
✉ Av. Rio Branco, ap. 601, bloco 9, Residencial Dom Felipe, Setor Urias Magalhães, Goiânia, Go. 74.565 – 070.

INTRODUÇÃO

Não é com muita frequência – e nem com o hábito de sua tradição relativamente consistente – que os geógrafos colocam para si a questão do dizer. Ou seja, raras vezes a Geografia é entendida como um dizer. E mais raro ainda é a interrogação: que dizer é esse?

A descrição de uma paisagem envolvendo a relação entre relevo, solo e uso da terra; o mapeamento da evolução demográfica; a organização de classes simétricas – ou assimétricas – da produção de soja no sul do Mato Grosso; a determinação de uma legenda qualitativa para a percepção ambiental de crianças relativo a um parque urbano; ou mesmo a argumentação taxativa de uma análise de classe social no modo como a segregação urbana se dinamiza e ecoa no mapa da exclusão; os pontilhos em movimento do GPS ao localizar a fábrica ou as grandes cadeias de supermercado de uma metrópole; a narrativa sobre um Rio assegurando a vida de uma comunidade ribeirinha do Amazonas; ou relatórios de pesquisa, monografias acadêmicas, dissertações, teses, artigos e ensaios; o rol de palestras de um evento sobre a cultura em tempos de globalização – e outras modalidades de trabalhos geográficos – efetivam-se em mensagens, textos, dizeres. São narrativas geográficas.

Em decorrência dessa compreensão, um pressuposto conduzirá o conteúdo do presente artigo: ao identificar a Geografia como um dizer múltiplo, feito com mapas, gráficos, tabelas, croquis, artigos, ensaios, dissertações, considerar-se á: a sua existência ocorre pela sua narrativa, pela sua capacidade e pelo seu modo de dizer. Assim, a Geografia se funda como narrativa; como narrativa produz o seu sentido, comunica, gera a sua personalidade no interior do campo acadêmico e científico.

O objetivo de colocar na ordem da produção geográfica o dizer como um desafio – e o desafio do dizer geográfico – nos leva a recorrer a um apoio substancial: valemo-nos da aproximação com a literatura para incrementar esse dizer, rompendo o quanto possível o grau burocrático, formalista e quase sempre redutor consagrado pela empresa acadêmico-científica reinante no atual período.

A aproximação entre Geografia e Literatura, em termos de estrutura de linguagem e de organização das esferas do conhecimento, significa entrançar o mundo do conceito – próprio da empresa acadêmico-científica – ao mundo da experiência humana. No logro da experiência humana pode-se conceber o que é crucial no trabalho da narrativa literária: a dramaticidade da vida e os seus contornos semióticos infinitos. E ambos circulam, medeiam e nucleiam o espaço. Como mediação entre o dizer e a experiência o espaço é, também, tônus da linguagem, conteúdo da vida humana. O espaço é cifra – e texto, pois marca social e existencial.

A feliz lição do escritor moçambicano Mia Couto (2002), para o qual toda a empreitada da literatura ensina o fato de se ter que viver em nós mesmos sendo atravessado pelo mundo inteiro. E também a de Clarice Lispector (1998), para a qual o desafio da vida é encontrar o Outro sendo um próprio enigma. E diante do susto com o real e consigo mesmo, sentir-se vivo é um luxo. Embora sendo luxo não se sabe o que fazer com tudo que aconteceu conosco, sobrando apenas o recurso da interrogação, são lições literárias de sentidos filosóficos da existência; são chamamentos para se enxergar a dramaticidade humana, incluindo a batalha da linguagem. Trataremos disso.

NOVAS SENSIBILIDADES GEOGRÁFICAS: DIZER O MUNDO, OS DIZERES DO MUNDO

O geógrafo Oswaldo Amorim (2006), sentenciou num de seus textos o que decorre de sua percepção: estão surgindo “novas sensibilidades geográficas”. Segundo o autor, fora do regime de uma vigilância teórica e de uma fiscalização metodológica, o período atual da produção geográfica abre portas para a liberdade da imaginação geográfica. Os cruzamentos de Geografia e Arte, a relação da pesquisa qualitativa com os mapeamentos feitos com o geoprocessamento; a mira de vários trabalhos endereçada à ação de sujeitos sociais, grupos culturais, étnicos; uma atenção maior a temas como festas, subjetividades, esferas simbólicas; a ânsia de reconhecer sentidos, significados e negócios territoriais desenvolvidos por sujeitos em estado de conflitualidade – e outros temas - dão o balanço da força imaginativa da geografia brasileira. De sua potência luminosa para descobrir dimensões encobertas das paisagens, dos lugares e dos territórios.

Inscrevem-se nesse rol, os trabalhos constituídos com cinema, fotografia, teatro geográfico. Tudo isso potencializa os geógrafos ao desenvolvimento de invenções geográficas e, então, municiam-os a escaparem do mimetismo fechado do campo acadêmico. Nesse certame – e por essa perspectiva – pode-se dizer: a geografia brasileira quente, acesa, ágil, ligada à cultura brasileira, à diversidade cultural do país, farta-se dessa possibilidade de invenção.

Por outro lado, há sempre o perigo do desvario, do oportunismo, da perda de lugar, de uma despersonalização, dos exageros. Vive-se o regime da pluralidade aceita como dado do trabalho do pensar. Dessa feita, métodos, temas e diálogos com outros campos ganham força. Contudo, podemos dizer que, contraditoriamente, a força da pós-

graduação, o *ethos* criado por ela e a Geografia feita dentro dela, o controle do tempo para a realização das pesquisas, o aligeiramento controlado do regime, criam uma vigilância invisível que intercede no pensar e nas textualidades geográficas.

Dentro desse pleito, a narrativa geográfica é duramente atingida: embora haja possibilidades de obter maiores informações, mais recursos científicos, maiores acesso, o texto geográfico tende a cair na vala de uma dizibilidade burocrática. A hipótese que o texto geográfico é duramente atingido pelo formalismo acadêmico atual com feição burocrática, operada por uma dizibilidade padronizada, adestrada, tende a externalizar a experiência do sujeito que escreve, pensa.

Em outros termos, poder-se-ia dizer: os discursos prontos eliminam a vitalidade do pensamento, a criatividade, externalizam a crítica, gerando um pensamento filiatório fora da experiência do sujeito. Isso leva-o a um tipo de exílio: o seu íntimo, as suas raízes, a sua história, os seus encontros abdicam-se do dizer, e o dizer torna-se etéreo ainda que costurado por diagramas acadêmicos sofisticados. Como sair dos esquemas abstratos impostos pelo pensamento etéreo que, quase sempre, faz perder a urgência das questões reais? Como escrever com os pés no chão? Convém observar como se situa o mundo mediante o qual o sujeito produz a sua experiência.

O escritor Cristovão Tezza (2012), ao fazer um balanço de sua narrativa, e olhar o mundo de sua circunstância, pondera que nunca, na história da humanidade, a palavra escrita teve tanta força na sociabilidade humana, como agora. A profunda circulação de símbolos facilitada pelos novos meios como o computador e seus derivativos, passando pelo telefone celular e os seus aplicativos, o iPod, o HDs, o GPS, incluindo também os satélites que emitem mensagens imagéticas para serem narradas, interpretadas, transformaram os espaços contemporâneos numa espécie de babel ruidosa.

Chamada de “sociedade de informação”, “sociedade da imagem”, e também “sociedade do espetáculo”, vive-se um período de dilúvio de informação e, igualmente, de um dilúvio de imagens. O sujeito contemporâneo está lançado nessa chuva compulsiva de dados de diferentes ordens. Como se fosse um ancoradouro das informações, a capacidade de ler, refletir, pensar, compreender e interpretar tende a ficar prejudicada. Arrastado compulsivamente por imagens e informações, esse sujeito se fragmenta, se estilhaça.

O atravessamento de informações e imagens, não apenas interfere na capacidade lógica, mas na emoção. E também no corpo total desse sujeito, trata-se agora de um sujeito conectado, mas fragmentado. A tendência da fragmentação do sujeito, atingindo pela chuva de informação sem tempo para dirimi-las, sem saber as suas origens, estranha às suas experiências, pode constituir um esmagamento das singularidades. Ou seja, a uma perda de si mesmo, ao distanciamento e a uma defasagem de suas próprias experiências. É como se morasse no mundo, não em si.

Em muitos casos, isso repercute na formação de sua visão de mundo. As referências simbólicas vulneráveis (TAKEUTI, 2002), tendem a gerar um vazio de sentido, interferindo na constituição de um superego frágil e num achatamento de valores. A entrega fácil dos jovens ao mundo da drogadição, da estecomania, das modas e de outras referências superficiais, resulta desse processo.

Em muitos casos, resulta também a ansiedade, a depressão, os transtornos de pânico, a agressividade, a perda da capacidade de pensar a si mesmo, a dificuldade para construir um projeto para o grupo e para o país. Uma subjetividade delirante tende a copiar modelos adornados. Fácil também constituir um desejo a partir do consumo, o que atinge, inclusive, a sexualidade. Em vários casos o prazer é depositado no consumo de objetos. Balestrin, Strey e Argemi (2008) dizem:

O consumo remete a um componente afetivo-relacional, produz e modifica afetos, trabalha e tece redes na constituição dos corpos, comunidades e subjetividades coletivas, na produção da sociabilidade e da sociedade em si mesma. Nossos corpos constroem relações e processos, geram subjetividades produtivas, produzem mercadorias consumíveis, assim como, prazeres visuais, linguagens e conhecimentos (BALESTRIN; STREY; ARGEMI, 2008, p. 122).

As palavras dos autores mostram a relação da constituição do sujeito, a sua experiência, a informação e o consumo. Diante disso, poder-se-ia dizer que o sujeito contemporâneo produz a sua experiência em meio a um período das intensas redes, dos intensos fluxos e dos intensos encontros mediados pelos novos veículos tecnocêntricos. E isso atinge o seu sistema perceptivo, a sua sensibilidade, e também as suas potencialidades de conhecer, de ser reconhecido – e de relacionar.

Novas potencialidades de encontro, novas doenças, aturdimentos, e constituição de *ethos* da subjetividade, baseadas na chamada midialização do indivíduo pode, em muitos casos, desenvolver uma sociabilidade envenenada. A escrita e a fala são exercidas sem parar, ruidosamente, contudo, o esquema da audição, da reflexão e do talhe do estilo de escrever, de sentidos e significados, são obliterados pelo mesmo regime que os possibilitam.

Falar demais para não escutar, estabelecer um silêncio perturbador para não participar, ser obrigado a se inscrever num regime imagético devassador, publicizar o íntimo e tornar vendedor da imagem, tendem a desorganizar a subjetividade e, assim, capturar a vitalidade da consciência. Suely Rolnik (1996) analisa o processo:

Os avanços da tecnologia, principalmente da mídia eletrônica e na informática, bem como a globalização da economia, criam práticas que implicam uma pluralidade de ambientes,

Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos

Eguimar Felício Chaveiro

aproximando uma diversidade de corpos, não só humanos. O encontro da subjetividade com essa variedade tem por efeito povoá-la de uma miscelânea de forças de toda a espécie, vinda de toda parte do planeta. Multiplicam-se a cartografia das relações de força e, portanto, os estados em que se engendram nas subjetividades. Com isso as suas figuras pulverizam-se facilmente, abalando a crença na estabilidade (ROLNIK, 1996, p. 19).

Como explicado pela pesquisadora, os dizeres do mundo atingem o dizer o mundo no pleito do sujeito contemporâneo. Ou seja, vive-se outro regime de dizeres. Esse regime acelerado, fragmentado, efêmero, tende a repercutir na subjetividade inteira. A substância criadora do sujeito e a sua capacidade de gerar sentido, uma vez aturcidos e implicados por esse regime, são fraturados. E mais: o sujeito pode correr o risco de fugir de si mesmo, trair a si próprio. A questão que se coloca é como a literatura, arte essencial da narrativa, pode contribuir no reconhecimento da importância dos dizeres da própria experiência e, assim, ajudar a discernir os sentidos do espaço.

AS DIZIBILIDADES LITERÁRIAS E A MEDIAÇÃO DO ESPAÇO

Épica. Epopeia. Trovadoresca. Romancesca. Ou: parnasiana, simbolista, moderna, marginal. E ainda: romance, poesia, contos, crônicas. E ainda: confessional, memorialista, esotérica, religiosa – e outras formas – mostram a profunda diferença que o termo “literatura” dá guarida. Embora, essa multiplicidade de formas, estilos, modos narrativos, gêneros, há algo simples que dá unidade: literatura é arte do dizer; é a arte da palavra; é uma arte de narração.

Caso quisesse aproximá-la de outros campos da arte, como a pintura, a escultura, o cinema, o teatro, poder-se-ia sintetizar: a literatura, por meio da palavra, desenvolve imagens e representações cujo dever é

gerar uma ação estética sobre o mundo. E essa ação gera informação, saber, traduz experiências humanas, ainda que costurada de maneira ficcional.

Como arte do dizer na forma da palavra escrita, a literatura é, também, uma voz sobre o real. A ficção conta com a imaginação criadora, mas o sujeito que escreve o faz porque é um ser-do-mundo. Conforme sublinharia Sartre (1987), o escritor, como sujeito-do-mundo, só escreve porque engaja-se no mundo inteiro. Assim, a sua escritura literária é um modo de repercutir a sua experiência-de-mundo e, de portanto, fazer a si mesmo.

Isso que dizer: o escritor ao inventar mundos ficcionais por meio da narrativa adentra a si mesmo. Se a sua matéria-prima é a palavra, a substância criadora é o seu íntimo produzido por sua experiência de sujeito. Contando com o “armazém de signos” produzido por essa experiência, o escritor, conforme advertiu Tezza (2012), não precisa temer pisar o chão, embora o faça com a mente na lua, na imaginação.

Guardadora de mundos, a consciência humana é a possibilidade de um sujeito reconhecer a sua individualidade tragicamente intransferível no ato de escrever – e de inventar. A sua individualidade infinita, imenso repertório de mundos, forjada no tempo tem, necessariamente, a mediação do espaço. Daí, a crítica literária, embora reconhecendo a universalidade literária, poder mencionar os termos “literatura brasileira”, “literatura francesa”, “literatura alemã”. Isso porque a cultura e a produção da experiência são constituídas no liame do espaço, na relação dos sujeitos com os lugares, no front cotidiano de sua experiência nas várias socializações, desde a primeira infância até o momento em que coloca as palavras nos dedos e a alma no chão construindo imagens frasísticas, versos, histórias, fábulas.

Em função disso, há a alusão: aquele que escreve investiga a si mesmo, percorre as suas trajetórias, dialoga com imagens perdidas

Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos
Eguimar Felício Chaveiro

de sua infância, com seus traumas, medos, dores. Transforma isso em potência criadora. A escritura é uma viagem nos próprios recônditos do sujeito. Conforme alude o geógrafo Douglas Santos (2014), ao argumentar sobre a dimensão topológica da existência, diz que no percurso da vida humana o simbólico se inscreve como uma mediação espacial obrigatória. Dizer, nomear as coisas, estabelecer sentidos, significados, atribuir valor, dispõem o curso da linguagem em todas as relações.

O escritor, poeta e ensaísta Octávio Paz (1956), disserta com força: não é possível os tratos da experiência e da existência escaparem da linguagem. Mesmo antes de nascer, o nome do filho é disputado, significado, atribuído conforme os preceitos da cultura; depois de nascer o encontro com a luz solar, com a água, com a terra, com os objetos e, ademais, no processo de socialização, o sujeito se faz linguagem. E a linguagem se faz para que o sujeito exista, relacione, promova encontros. Até a morte, depois da morte, na construção da memória, nos registros documentais das estatísticas, as menções e os significados patenteiam a existência. Implacavelmente sujeito, experiência e linguagem se mesclam.

Dessa maneira, não há experiência e existência humanas sem lograr-se no mundo da linguagem. A literatura, ao se delinear perante a edificação da narração, explora isso como sua essência. A vida enredada nas diferentes situações, a força trágica de morrer, a ironia fina que se faz crítica; o drama de não saber o que fazer com tudo que aconteceu consigo, mas enigmaticamente há o dever de enfrentar o tempo, os lugares, as paisagens; o encontro com o Outro no enlace amoroso; as paixões estremecedoras; o dever diário do trabalho e a labuta para pagar as contas, as dúvidas sociais sobre que caminho seguir – e o valor de cada gesto – são atributos que acenam para um

pressuposto: narrar é compor a vida; e a vida é substância de toda narração.

Desse pressuposto forja-se outro: a batalha da vida é uma batalha de ideias que, por sua vez, é uma batalha da linguagem. Todos estamos jogados num mundo de dizeres, o qual nem o silêncio do sono profundo escapa, pois, mesmo dormindo, agimos com a linguagem por meio dos sonhos e de as suas mensagens emaranhadas; e também o silêncio decisivo, instante pelo qual faz-se as escolhas: vou ou não vou? Devo aceitar ou não aceitar? Filio ou não me filio?

Povoado de signos, o silêncio é gramática da ação social; é plataforma para o sujeito incrementar e decidir os rumos de sua experiência; é o turno simbólico mediante o qual o sujeito vai engajar-se no espaço; vai tornar-se ação. Descobrir a dimensão simbólica da existência é o ensinamento da peça literária. E essa dimensão edifica-se espacialmente por meio das paisagens, dos lugares e/ou territórios.

Na literatura encontramos exemplos inumeráveis de narrativas sensíveis sobre a variedade de expressões existentes na perspectiva experiencial entre o indivíduo e o seu mundo vivido, seu meio ambiente. A combinação e a compreensão dos aspectos objetivos e subjetivos concernentes à paisagens/mundo vivido apresentam-se no contexto de algumas obras literárias de forma que revelem justamente essa visão holística da experiência com o espaço, mais próxima da realidade do significado da essência da humanização das paisagens geográficas naturais ou construídas (LIMA, 2000, p. 9).

Em acordo com a enunciação feita pela professora e pesquisadora, o exercício de narrar impõe a referência espacial sem a qual a narrativa e o sujeito ficam suspensos do mundo, perdem o sentido de suas experiências. Isso quer dizer: contar uma história envolve a prática sensível e o seu enlace com o espaço. A palavra pede socorro a uma

referência espacial, sem a qual pouco diz. E se diz falta-lhe o mundo. Vira fantasma.

Em termos práticos, a perícia de narrar uma paisagem formada pelo encontro de dois canais fluviais; uma feira no centro da cidade; o cotidiano de uma periferia; a investida de uma corporação multinacional; a organização dos trabalhadores na defesa de terra; os tabuleiros de um relevo ou a fisionomia de uma vereda; a linha de montagem de uma indústria; o modo pelo qual Malthus e Marx teceram as suas ideias de população; o legado simbólico de um monumento; a cartografia social de uma etnia indígena; os fatores determinantes de um ambiente hostil – ou qualquer outra dimensão espacial – é, para o geógrafo, um desafio que se inscreve na operação do conhecimento. E também a maneira pela qual se captura a atenção do leitor, o seduz para caminhar simbolicamente na esteira das ideias lançadas, o estimula a ver, sentir e a pensar. Chama-o para reconstruir a consciência das coisas.

Contudo, quem trabalha a aproximação entre Geografia e Literatura pode, como em qualquer outro vetor temático, transformar o trabalho numa espécie de adorno semântico. Isso não condiz com o extrato da experiência humana calcada no sentir, no mergulho intenso no tempo, e na capacidade de gerar utopias, deslindar realidades, enfronhar-se na história colocando-se aberto à aprendizagem, ao retoque, ao contorno de criticar a si mesmo e, por isso, o de dar um sentido ontológico à mudança.

Da mesma maneira, convém enfrentar o crivo cientificista, geralmente tramado pelo racionalismo instrumental e produtivista. Esse crivo tende a externalizar a mediação simbólica da experiência humana. Resulta dele a ideia da percepção, a interpretação e da compreensão do espaço como instâncias apenas do rito da escola, da formação universitária, como se não tivesse consonância com a vida

total do sujeito, suas paixões, suas intensidades, seus símbolos, seus gostos, seus modos de caminhar, dizer, pensar, imaginar.

Algumas pesquisas atuais, feitas no interior do grupo de pesquisadores da história do pensamento geográfico, têm descoberto a importância da literatura na geografia clássica. Junto à descoberta percebe-se outro aspecto: a aproximação entre Geografia e Literatura, ao conceber o espaço como mediador, geralmente permite a expansão da imaginação geográfica. O dizer produz mundos. Talham – e detalha-os – com diferentes legendas. É do princípio prático do ato de escrever a exigência de se organizar o pensamento; e, ao fazê-lo, desdobra-lo em outras conexões. Ao contrário: a redução mimética da linguagem conduz a uma redução orgânica do pensamento.

POR UMA MILITÂNCIA ESTILÍSTICA

A partir da premissa de que o ato de escrever é mobilizador da cognição e, de alguma maneira, faz o sujeito escrevente gerar um despertamento na consciência relativo à sua experiência humana, temos defendido uma militância estilística. Ou seja, colocamos como pauta do trabalho de orientação, de formação e das práticas didático-pedagógicas, o exercício da textualização envergada ao ato de ler e aos eventos da vida. Marandola Jr. (2010), ao demonstrar o perigo de, em adulto, acomodar as representações, disserta:

A curiosidade caminha junto com um impulso ao novo e ao desconhecido, um desejo de saber e entender o mundo à nossa volta. Esses desejos, no entanto, diminuem com o passar do tempo. É raro encontrar adultos tão ávidos por entender tudo, em seus pequenos detalhes ou particularidades, como são as crianças. Talvez a confiança que temos nos conhecimentos que já adquirimos nos acomodem na falsa segurança de nossas posições. Não nos questionamos e nem nos inquietamos mais;

Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos

Eguimar Felício Chaveiro

acomodamo-nos. Delimitamos o nosso mundo num campo conhecido de ação, reagindo a cada movimento que tende nos levar para além dele, ou que traga elementos além-mundo. Nos entricheiramos como soldados que defendem a sua vida em termos de posições num mapa de estratégia. (MARANDOLA JR., 2010, p. 25).

Incitar o outro ao ato de escrever, fazer-lhe um chamamento poético, insultá-lo a narrar a sua experiência, não apenas para evocar a placidez performática comum a uma variedade de textos literários que reinam atualmente; nem ao sabor do estilo formal-burocratizante da empresa acadêmica, mas como investida em seu próprio reparo humano, na construção de sua lucidez e na invenção de si próprio, estimulam a pensar a escrita como forma de encontro.

Densos encontros invisíveis suscitam dos textos de reconhecidos literatos ou cientistas. Em muitos casos, ou quase sempre, os encontros dos textos ultrapassam a cortina do tempo, dos países e das culturas. O poder mobilizador da escrita como plataforma gráfica e de registro de símbolos, representações, enunciados, ideias, permite que o elo dos encontros não tenha controle. E se torne uma mágica humana, pois, aqui – e agora – pode-se dialogar com as ideias de Platão, revivê-lo, transformá-lo num parceiro para enfrentar os desafios de vida instalados depois de mais de 2000 anos de sua morte corporal.

A infinita potencialidade da palavra escrita, a sua capacidade de desenvolver encontros, a sua abertura ao processo de leitura e releitura, o seu labor posto ao processo de intertextualização, apresenta outra característica: qualquer texto é fonte de entrançamento com outros textos, afirma a sobrevivência da cultura e da experiência humana. Contudo, repousa numa ambigüidade implacável: aquele que escreve o faz para seduzir um-outro, o o-outro que não se sabe qual; ao fazer isso, no processo de leitura, esse outro toma as rédeas do texto e as

conduzem para qualquer negócio. Aquilo que é íntimo torna-se alheio; e por ser alheio produz o seu sentido.

Além de realização de encontros, a escrita – e toda espécie de dizibilidade – cordão de todas as relações sociais, como comprar, vender, jogar, namorar, rezar, aprender, sentir dor, difamar, cantar – arrasta o sujeito para a trama da cultura, a começar pelo idioma. Não à toa que se diz: a palavra nos chega ainda na infância golpeada de sentidos preconizados por uma herança cultural, da qual não se pode afastar, porque é nela e para ela que se fala – e se escreve. Mas individualizar, experienciar a si mesmo no dizer-ao-outro, significa, de alguma maneira, a tentativa de romper com o dado pronto do verbo. Isso talvez seja um dos principais papéis da literatura, especialmente da poesia, conforme diz o poeta Manoel de Barros (2004): desossá-la, ou perceber que “o meu quintal é maior que o mundo”.

Há um fato incontestável: dizer ao Outro é arriscado porque a “escuta” é desse outro com seus dramas e com as suas intenções. Esse Outro fará o que quiser – e lhe convier – com o nosso dizer. Há outro risco: como o dizer é peça do empreendimento narcísico, instância de defesa e de construção da individualidade e, inclusive, da singularidade, o negócio narcísico, uma vez exagerado, pode recair no egocentrismo tacanho. Se o empreendimento narcísico oblitera a experiência e vai ao exagero cria-se outro alheamento. Aquele que escreve torna-se refém do desejo de imagem e, daí, perde a autonomia para enfrentar os dizeres prontos.

No plano filosófico dramatizar a experiência no texto, não subjugar a própria vida nos dizeres alheios; dizer o real geograficamente calcado na irreduzibilidade do ser/indivíduo, fazer da escrita – e do ato de escrever – um modo do sujeito reconhecer a sua singularidade e construí-la, são faces de uma aprendizagem: todo sujeito humano tem dentro de si a matéria-prima para exercer a criação da escrita, pois Ele

próprio se fundou nos encontros com a cultura. Desse modo, ele possui o infinito intransferível, com o qual pode produzir a sua originalidade. Escrever é, desse modo, inventar mundos experienciando a si próprio.

E quanto mais se individua mais o encontro com o Outro pode ser autônomo e alegre. O contrário: qualquer forma de alheamento, de fuga de si mesmo, de estranhamento à sua experiência, significa cisão, mal-entendido, mal-estar. Dado que a existência é “tragicamente intransferível”, a escrita é um modo de apostar na irreduzibilidade do ser, na consagração da individualidade como parte das relações. Embora deva se dizer: não há como deixar de lidar com os intermediários. E eles são vários e podem se reduzir num nome: vida social.

No caso específico da escrita feita no interior do campo acadêmico, a intermediação pode vir como controle e, às vezes, o controlador nem sabe que está promovendo-a. Dessa feita, cabe enunciar um princípio: há uma literariedade do texto acadêmico, pois é feito com imagens; e há uma sistematicidade no texto literário, pois a linguagem se faz com acertos consensuais. Assim, o labor científico pode – e deve – incluir a imaginação; e o labor literário, como fez, por exemplo, Machado de Assis, pode – e deve – incluir conquistas da ciência. Reivindicar a estética ao texto acadêmico e a compreensão ao texto literário não quer dizer desfigurá-los como campo e sentido, mas enriquecer ambos.

Outro princípio de base filosófica esposa na assertiva: se a existência é uma forma de engajamento, toda forma de engajamento é espacial, pois a vida ocorre numa cena espacial. E isso não significa eliminar o social, o histórico, o universal. Há que se dizer: o universal tem sentido e a totalidade é agente se estão esmerados na significação da existência. A existência é a prova dos nove do universal, caso não seja, tudo lhe está externalizado.

Por conseguinte, uma escrita fundada nas núpcias do conceito com a experiência, permite cruzar a face dos sistemas abstratos com as

ações de vida. E isso pode ensinar o próprio sentido de escrever como sentido de vida, donde escreve-se para intensificar a subjetividade no tempo. Assim, escrever é medida de adentramento no mundo, não fuga. É medida de introjeção, não de escapatória.

Quando Foucault (2001), fala em escrever com o sangue e propõe uma estética da existência, advertindo que os intelectuais são presas fáceis aos jogos de poder face aos negócios de aceitação pelos quais são convidados diariamente, está advertindo também que a defasagem da própria experiência é uma forma implacável de cisão. Convém esclarecer: é próprio da literatura dramatizar a existência, vinculá-la ao espaço, estreitar o dizer à significação. A existência está aberta à significação, pois todos estamos lançados no pleito dos dizeres. Não apenas nomeamos as coisas, vemo-as pelo seu nome, mas enfrentamentos o seu recobrimento lingüístico, disputamos os seus sentidos a partir do próprio corpo.

A literatura como arte essencial da palavra, nos ensina, conforme apresenta Tezza (2012), algo crucial: em cada uma das palavras de uma frase o autor se coloca inteiro, cada frase deve estar amarrada ao texto todo. Por isso, tecer os fios do texto é como tecer a vida, não há possibilidade de ausência. Qualquer ausência ou alheamento eclode-se em cisões, em fragmentações. De forma que a prática da escrita investe o sujeito na tessitura da sua própria condição de ser e, frequentemente, surpreende o escrevente dando-lhe pistas que Ele é bem maior que imaginava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao afirmamos a Geografia como dizer – e problematizar que dizer é esse? – aproximando-a da literatura, estamos apostando na literariedade do texto geográfico. Ao procedermos, dessa maneira,

intentamos sair de um olhar taxiológico, notadamente marcado por condicionantes do campo acadêmico. Desejamos, também, valer da experiência de narração proveniente da literatura, geralmente calcada na dramatização da existência humana no espaço. Na significação das sutilezas, dos exíguos movimentos e gestos.

Consideramos que, ao alargar o modo geográfico de dizer, igualmente estamos alagando o modo de ver. Percebemos que é do curso da relação entre linguagem e pensamento criar mundos valendo-se da experiência de quem narra, escreve, debruça-se sobre o mundo da linguagem e desenvolve a mediação simbólica. Por conseguinte, o ato da escrita ajuda a descobrir a singularidade infinita do humano, o seu contato rente com as coisas, com os eventos, com as situações. Em palavras geográficas, com as paisagens – com o mundo vivido.

O texto como marca do discurso se realiza no encontro de sujeitos entre si e de sujeitos com as paisagens e o espaço. Reside nisso uma ambigüidade tensionadora a quem escreve, pois os textos, desde a sua constituição até o leitor, há um percurso aberto, incontrolável. Edificar um texto que toca Esse outro, o qual Deleuze (1997), chamaria de texto vibrátil, é um recurso para enfrentar os alheamentos burocráticos da textualidade acadêmica. E para fermentar dizeres substantivos, orgânicos, criativos.

A aproximação com a literatura pode clarear ao geógrafo o problema e o desafio do dizer, pois a literatura, por meio da ficcionalidade permite intensificar o olho nas situações humanas, nas sutilezas, nos embaraços, nos sutis movimentos, contribuindo para alargar a compreensão da singularidade do sujeito – e de sua irredutibilidade. O encontro entre Geografia e Literatura pode ensinar que não há gesto pobre, pode haver narrativa frágil. Ensina também a face simbólica das paisagens e do espaço, face que acomete a vida humana em todas as situações.

Ao mergulhar a consciência no tempo, aos construir as personagens e tramá-las como enredo, como história, o ato de narrar suscita a vastidão de todas as almas, faz fomentar a reivindicação de sentidos - e de liberdade do dizer. Assim, pode-se ultrapassar a pensar vigiado, ou enfrentar as amarras dos esquemas abstratos da empresa acadêmica. Superar os slogans repetidos, muitas vezes traduzidos como “pensamento crítico”.

E mais: narrar exige a organização do pensamento. Conforme diz Lacan (1998), a escrita mobiliza a subjetividade inteira. Por isso, ao escrever o sujeito pode acertar contas com os declives e com as sinuosidades do seu espírito; reparar as suas representações; mover o seu sistema significativo; reorganizar a mira e o alcance do seu ver, pois a escrita necessariamente inclina a palavra, lança a vida nos símbolos, donde nomear as coisas é uma forma habitá-las – e senti-las. Dar o sujeito a primazia de criar o objeto, de relacionar com Ele, de destacar a força motriz do seu ver, conduzem ao sumo: narrar constrói mundos. Ou: a narrativa timbra a experiência como dado – e como possibilidade. É operação vital, atravessa a pele.

A aproximação de Geografia e Literatura dispostas ao mundo do sujeito, de sua experiência e de sua tessitura, visa, essencial – e abertamente - reintroduzir a vitalidade da consciência, gerar despertamentos, compor forças e abrir potências. Conforme diz, metaforicamente, Peçanha (2009), andamos pelas ruas para prolongarmos os sonhos. Ou seja, experimentamos as coisas subjetivando-as. Parodiando-o, podemos dizer: encontramos as paisagens revestidas de símbolos, assim produzimos a experiência que precisam ser nomeadas, sentidas e significadas para haver a existência. Onde há existência há o espaço.

Nessa trama enovelamo-nos ao mundo da palavra. A tensão da palavra traduz-se como tensão da vida. Todos os sujeitos, em todos

Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos

Eguimar Felício Chaveiro

os momentos – e em todas as circunstâncias, – agem a partir uma interrogação: o que fazer com que leio, escuto, o que devo falar?

Assim, é a escrita: o que devo escrever, como fazê-la?

Descobrir o devir textualizando os acontecimentos e plasmando a linguagem nos eventos da vida, dá à consciência o papel de organizar o movimento, o encontro, os projetos, a insatisfação. Desta feita, o curso da imaginação permite promover um discernimento: a vida vivida por si só não é a realidade, realidade é a vida vivida e narrada. Dita, significada.

Por isso pode haver uma confusão: ficcionalizar os problemas humanos e os seus dramas não é exilar-se das referências, mas adentrá-las. Escrever nos transforma. Num plano pedagógico: a aproximação da Geografia com a Literatura permite agir na dormência do aluno, pois às vezes as palavras do professor, mimetizadas pelo campo acadêmico, não entram em seu sistema receptivo - e na pele.

Por fim, vale considerar: o encadeamento de palavras, desafio posto ao escrevente, exige-lhe a organização radical do pensamento e a imersão em sua memória. Exige mais: construir imagens, mediante as quais, valores e dramas humanos são argamassados como tijolos da construção. A legibilidade, a criatividade, o imageamento das frases - no ato de escrever - despontam como se houvessem deuses dormindo no núcleo central das células. Deuses? Talvez haja o legado do suor e da arte tramado pelas núpcias entre os dedos e os símbolos mediados pela cultura. 

REFERÊNCIAS

AMORIM, O. Bueno. **A pluralidade da geografia e o papel das abordagens fenomenológicas no fazer geográfico**. Conferência de abertura proferida no primeiro colóquio nacional do NEER – Espaço e

representações: reconstruções teóricas do geográfico. Curitiba (PR), UFPR, 2006.

BALESTRIN, J. V.; STREY, M. N.; ARGEMI, M. D. A emoção é o consumo: subjetivação e a vida capital. **Althenea Digital**, n. 13, p. 121-132, 2008.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

DELEUZE, Gilles. **A literatura e a vida. Crítica e Clínica**, São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, vol. III, 2001. p. 264-298.

LACAN, Jacques. Função e Campo da fala e da linguagem. **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LISPECTOR, C. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LIMA, Solange T. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 7-33, 2000.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, 2010.

MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, Lúcia H. B. (Orgs.) **Geografia e Literatura – ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2013.

PAZ, Octávio. **El Arco Y La lira**. Cidade do México: Fondo de Cultura, 1956.

PEÇANHA, J. G. **Instabilidade perpétua**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

ROLNIK, Suely. Subjetividade na era da Globalização. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais. São Paulo, 1996, p. 19.

Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos
Eguimar Felício Chaveiro

SANTOS, Douglas. **As categorias geográficas**. Palestra ministrada no programa de Pós-graduação em Geografia. Jataí, GO, 2014.

SARTRE, J.-P. **O Existencialismo é um humanismo**. Seleção de textos de José Américo Motta Peçanha. (Trad. Rita Carreira Guedes e Luiz Roberto Salinas Forte.) São Paulo: Nova Cultural, 1987.

TAKEUTI, Norma. Inconsistência simbólica e fragilidades identitárias. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.8, n.12, p. 32-44, 2002.

TEZZA, Cristovão. **O espírito da Prosa**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Submetido em Novembro de 2014.

Aceito em Janeiro de 2014.

